



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



CENAS DE LEITURA DA CIÊNCIA HOJE DAS CRIANÇAS:

MODOS DE USO E APROPRIAÇÃO DA REVISTA EM SALA DE AULA

Área temática: Educação

Sheila Alves de Almeida¹

¹ Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP); Programa de Pós-Graduação em Educação;
Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG & Pró-reitora de
pesquisa e Pós-graduação da Universidade Federal de Ouro Preto

Resumo

Este trabalho trata das interações e práticas de letramento mediadas pela revista *Ciência Hoje das Crianças* em uma turma de séries iniciais do Ensino Fundamental. A perspectiva teórico-metodológica de análise inspira-se nas concepções de Bakhtin e Vygotsky. As análises apontam que o uso da revista em sala de aula faz circular a linguagem de divulgação científica.

Palavras-chave: Letramento, divulgação científica, ensino de Ciências

1. Introdução

Atualmente, um número significativo de investigações tem se orientado no sentido de compreender a leitura nas aulas de ciências, buscando assim entender os processos que professores e estudantes vão construindo acerca da linguagem e formação de conceitos no ambiente escolar (ALMEIDA, M. et al 1993, 2010; ESPINOZA, 2009, 2010, MORTIMER 1998, 2002).

Ao discutir o fazer pedagógico desenvolvido nas aulas de Ciências, Weissmann (1998) afirma que o trabalho com texto seguido de uma série de perguntas constitui uma

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



das propostas de intervenções mais frequentes em sala de aula. Para essa autora, essa prática esconde um modo de intervenção transmissivo cuja finalidade única é desenvolver a habilidade do aluno de encontrar a informação solicitada no texto.

Na comunidade científica, um texto constitui uma ferramenta de prestígio para comunicar ideias, informar, suscitar questionamentos e, sobretudo, divulgar conhecimentos e buscar aprovação. Para Espinoza, Casamajor e Pitton (2009, p. 97), o texto, associado à exposição oral do professor constitui importante alternativa para uma aproximação das crianças com a linguagem científica. Contudo, essas autoras chamam a atenção para o fato de que a compreensão do texto não constitui tarefa simples. Nessa perspectiva, é preciso garantir um ensino de textos de ciências às crianças que as introduza no universo dessa linguagem. Para essas autoras, o texto nas aulas de Ciências proporciona ao leitor a oportunidade de refletir sobre as vozes e linguagens do discurso científico. Assim sendo, espera-se que o texto apresentado nas aulas de ciências seja um aparato de conhecimento, capaz de modificar os estágios de desenvolvimento da criança. Afinal, o objetivo desse tipo de texto é oferecer informações baseadas em estudos e experimentações científicas, cabendo ao mediador, a elaboração de estratégias para o desenvolvimento da atividade de leitura nessa área.

Para Espinoza (2010, p. 123) só é possível interagir com determinados conhecimentos nas aulas de ciências pela explicação do professor ou pela leitura. Enfatiza que nessas aulas, normalmente não se pensa em situações de leitura como cenário no qual ao mesmo tempo em que se ensinam e se aprendem conhecimentos da área também se ensina e se aprende a ler. As situações propostas costumam partir do princípio de que os alunos já sabem ler, e que isso é suficiente para interpretar um texto.

Por sua vez, Gouveia (2000) afirma que o trabalho com textos no ensino de ciências é um caminho para que os alunos aprendam a usar a linguagem científica adequadamente, dentro de um contexto de uso. Segundo essa autora, o texto científico se caracteriza pela formalidade e é denominado como tal não só porque versa sobre ciência, mas também porque apresenta uma organização esquemática convencional, estruturas sintáticas e o conjunto léxico utilizado que os usuários da linguagem científica aprendem no seu processo de socialização. Portanto, para essa autora, a leitura de textos de ciências exige

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



um aprendizado. Nesse caso, a descrição, a definição, a explicação e a argumentação são aspectos da linguagem científica que precisam estar presentes nos textos e na sala de aula para que a ciência não perca a essência de sua linguagem. Assim, a leitura nas aulas de ciências necessitam ter como referência tanto as características da linguagem científica como as práticas de leitura dessa linguagem.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental de Ciências (PCN 1998) enfatizam a busca de informações variadas como um procedimento importante para a construção do conhecimento das ciências. Nesse sentido, a leitura é indicada como uma modalidade fundamental desse procedimento para que o aluno possa confrontar e reelaborar suas concepções. Esse documento destaca a dificuldade das crianças na leitura de textos de ciências em virtude, principalmente da impessoalidade dessa linguagem que é contrária à linguagem cotidiana que prefere formas pessoais.

Em 2004, Rojo desenvolveu uma pesquisa para aferir as modalidades de gêneros de discurso presentes nos livros didáticos de Língua Portuguesa, mais utilizadas pelos professores das escolas públicas brasileiras. Nesse estudo, constatou que cerca de 20% eram textos de divulgação científica. De acordo com Rojo (2004), esse gênero integra intermitentemente as práticas de letramento escolares, embora raramente sejam abordados como objetos de estudo. Rojo (2008) afirma que a partir da segunda metade dos anos 1990 aumentou, significativamente, o número de materiais disponíveis ao professor. Além disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs de 1998 pavimentaram a estrada para o trabalho com a diversidade de gêneros dentro da sala de aula.

Com efeito, a revista Ciência Hoje das Crianças têm sido objeto de muitas pesquisas no campo da educação. A tese de Gouvea, produzida em 2000, constitui uma iniciativa importante para a compreensão de como se processa a leitura da revista Ciência Hoje das Crianças – CHC, pelos infantes e como a leitura desse tipo de texto aproxima esse público da linguagem científica. Gouvea inaugura um olhar para o leitor da revista CHC. Em sua investigação, o estudo das práticas de leitura foi realizado mediante entrevistas com crianças que liam regularmente a revista em suas casas e eram assinantes do periódico. Uma das indicações apontadas pela autora é que a maioria das crianças pode não entender

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



todos os conceitos expostos, mas acompanha a linha de exposição do texto (GOUVEA, 2000).

Embora esses trabalhos ressaltem a importância do discurso de divulgação científica para as crianças, nenhum deles se debruçou sobre o aspecto que aqui interessa: as interações e práticas de letramento mediadas por uma revista de divulgação científica nas aulas de Ciências das séries iniciais. Assim, com vistas à importância da leitura de textos de divulgação científica e da revista CHC nas aulas de ciências nas séries iniciais nos debruçamos sobre as seguintes questões: *como a revista CHC é incorporada ao cenário das aulas? Quais os objetivos da leitura da revista nas aulas de Ciências? Como se processa essa leitura? Como se configuram as interações e práticas de letramento no trabalho com a revista CHC em sala de aula?*

Para responder a essas questões acompanhamos uma sala de aula, no trabalho com a revista, por três meses. Afinal, o destaque desta investigação são as práticas efetivas de sala de aula, em que ocorre a recepção da revista CHC, com crianças das séries iniciais em aulas de Ciências. Assim, mais do que descrever a escola, interessa-nos compreender o que nela se cria, permanece e se transforma no contexto dos sujeitos que nela se encontram. Desse modo, neste trabalho, nossa proposta é apresentar uma reflexão do processo vivido pela turma em interação com a revista CHC, por meio de uma narrativa que lançou mão de uma descrição cuidadosa das interações comunicativas, de filmagens, mapas de ações e cadernos de campo. Buscamos no texto escrito estreitar o diálogo entre os dados da pesquisa de campo e as memórias na tentativa de compreender e sistematizar conhecimentos a partir das aulas de ciências mediadas pela revista. Isso posto, segue uma breve apresentação do periódico, para em seguida, tratarmos de questões metodológicas, dos resultados que foram organizados em *cenários* ocorridos na sala de aula.

A revista Ciência Hoje das Crianças

Criada em 1986, *Ciência Hoje das Crianças* (CHC) é a revista de divulgação científica para crianças da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC. A revista tem caráter multidisciplinar e publica, sob as formas mais variadas, temas relativos às ciências humanas, exatas, biológicas, às geociências, ao meio ambiente, à saúde, às

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



tecnologias e à cultura. Seu objetivo é promover a aproximação entre cientistas, pesquisadores e público infantil em geral, destacando práticas e conhecimentos científicos e estimulando a curiosidade das crianças para fatos e métodos das ciências. Além disso, ela se propõe a divulgar aspectos da cultura brasileira, possibilitando a ampliação do universo cultural das crianças.

A CHC tem como público-alvo crianças entre 7 e 14 anos. A publicação recebe tratamento gráfico e editorial cuidadoso e diversificado, que lhe confere uma de suas principais características: a agilidade de linguagem escrita e visual. Os artigos científicos são enviados espontaneamente ou encomendados pela equipe. Os artigos da CHC recebem tratamento jornalístico, mas sempre são assinados por pesquisadores, fonte daquela informação.

A CHC surgiu como encarte da revista *Ciência Hoje* dos adultos e, ao longo de sua história, a CHC foi penetrando nas escolas, adquirindo caráter paradidático, não proposto inicialmente. Atualmente, mais de 60 mil escolas públicas do Brasil recebem a revista em suas bibliotecas. A revista tem uma tiragem de 340 mil exemplares por mês. Dessa parcela apenas 10% são assinantes.

Metodologia

Com o objetivo de compreender as interações e práticas de letramento mediadas pela revista *Ciência Hoje* das crianças na sala de aula recorremos a uma escola da rede municipal de Belo Horizonte. Na sala de aula onde a pesquisa foi realizada as crianças se encontravam na faixa etária entre nove e dez anos – 4º ano do Ensino Fundamental. A professora atuava nas séries iniciais por vinte anos e havia se formado em Pedagogia, fazia menos de dez anos. Ela e todos os responsáveis pelas crianças assinaram termo de consentimento livre e esclarecido para participar da pesquisa, no qual foram descritos os procedimentos de registro e a não identificação dos sujeitos de pesquisa quando da publicação dos resultados.

Acompanhamos as aulas de Ciências, em uma das turmas que a professora atuava, durante três meses e o acervo da pesquisa corresponde a 18 horas de filmagens ordenadas por data, um caderno de campo, entrevistas áudio gravadas e transcritas e documentos normativos da escola. Com efeito, foi possível construir um cronograma fixo para as

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



filmagens: às terças-feiras na última aula e às quintas-feiras nos dois primeiros horários. Após cada filmagem, seguiam-se os seguintes procedimentos: assistir às fitas repetidas vezes, com o objetivo de representar as interações das crianças e professora com a CHC, os padrões discursivos das aulas e a organização do trabalho com a revista. Após esse minucioso exame das aulas, procedeu-se a construção de mapas de ações, que dimensionam em uma tabela as ações mediadas pelo discurso dos participantes, as formas de uso da revista, o tempo transcorrido e as observações de campo (ALMEIDA, 2011).

Após, a coleta dos dados e a construção dos mapas de ações, a narrativa foi utilizada como “memória pedagógica” (CUNHA, 1997) dos acontecimentos da sala de aula. Pois, de acordo com Cunha (1997), o trato dos dados narrativos tem como objetivo suscitar o reconhecimento e a reflexão do processo vivido. Nesse sentido, o principal objetivo com a escrita da narrativa consiste em compreender as ações da turma no trabalho com a revista CHC. A propósito, assinala Ginzburg: “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas - sinais, indícios que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1991, p.177).

A história da turma em torno da leitura da revista nos ajuda a viver a possibilidade de conhecer as práticas pedagógicas sedimentadas na lembrança, nos movimentos que constituem os docentes que ensinam também ciências nas séries iniciais. Dessa forma, a narrativa revela um caminho (im)previsível percorrido pela professora, um saber que se transforma, tarefas realizadas e histórias que podem ser contadas nas cenas descritas na difícil tarefa de decifrar, garimpar, selecionar, reordenar e de interpretar dados advindos das filmagens, mapas de eventos, anotações e memória.

Cena 1

As paredes cuidadosamente pintadas e enfeitadas foram o limite da primeira aula com a revista *Ciência Hoje das Crianças*. Nas estantes espalhadas pelos cantos da sala, estavam cadernos, livros didáticos e de literatura. A manhã estava quente. Pouco antes das 7 horas da manhã, nada se mexia. Alguns minutos depois, o barulho dos alunos ao entrar na sala parecia acordar toda a escola. Era o começo de mais uma aula de Ciências. O fim do turbilhão de vozes foi marcado pelo *bom dia* da professora que iniciou o trabalho ajeitando as crianças nas carteiras enfileiradas no espaço da sala. Terminada essa tarefa, ela

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



colocou-se diante da turma e apresentou a pesquisadora como alguém que iria ajudar no trabalho de sala de aula. Após, caminhou até a sua mesa, recolheu uma pilha de folhas e explicou que naquele momento fariam um questionário sobre um material com o qual trabalhariam nas aulas de Ciências. As recomendações da professora foram expressas: o cabeçalho seria preenchido primeiro para evitar esquecimentos e, para responder às perguntas, seria necessário observar a imagem na folha com atenção. O exercício deveria ser realizado individualmente. Depois, escreveu a data no quadro e distribuiu os questionários. Não houve nenhuma manifestação de recusa ou queixume para a realização da tarefa. As crianças correram os olhos no papel e se colocaram a postos para a realização da atividade. Enquanto preenchiam o cabeçalho, alguns alunos murmuravam assuntos diversos. Uma aluna, em alto e bom som, quis saber se as perguntas poderiam se referir a qualquer revista CHC. O questionamento dessa aluna indicou que ela conhecia o periódico enquanto o sorriso e o aceno afirmativo da professora denunciavam a resposta de uma das questões para os mais atentos.

Aos poucos, o silêncio reinou na sala. Enquanto as crianças liam e escreviam, a professora caminhava entre as carteiras observando os registros, avaliando as respostas e corrigindo a postura dos alunos. Em alguns momentos, interrompia a caminhada atendendo à solicitação de crianças que pediam esclarecimentos de uma questão ou aprovação a uma resposta dada. Atenta ao relógio, a professora cronometrava o tempo das crianças, orientando para que respondessem à questão seguinte. Atendendo à solicitação de algumas crianças, a professora registrou várias palavras no quadro para auxiliar na escrita das respostas.

O fim dessa tarefa foi marcado pelo fim do silêncio. Então, a professora recolheu todos os questionários, colocou-se à frente da turma e anunciou a correção. Ela lia, comentava e avaliava as respostas. Assim, ensinava aos alunos a forma correta de elaborar respostas ao mesmo tempo em que apresentava a CHC às crianças e introduzia esse periódico na agenda da sala de aula. As crianças respondiam às questões como sendo uma tarefa rotineira.

Pouco depois da correção, a professora preparou o retroprojetor para que todas as crianças pudessem ver a capa de uma CHC na parede. A projeção causou um turbilhão de

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



comentários. A professora perguntou às crianças o nome da revista, a data, os títulos, o que iriam encontrar naquela edição e o que a imagem representava. Encerrou esse momento com um discurso sério chamando a atenção para a importância da revista, que trazia temas de ciências e era produzida especialmente para crianças. Com a mesma postura buscou na mesa uma revista, abriu em uma página previamente marcada e leu: *Por que soltamos pum?* A leitura desse título quebrou a solenidade do momento e arrancou gargalhadas de toda a turma. Leu esse artigo rodeada por olhos e ouvidos atentos. Em alguns momentos, ela interrompia a leitura para esclarecer algumas palavras do texto. Depois, discursou mais uma vez sobre a importância daquele material que tinha como finalidade explicar alguns fenômenos da ciência para as crianças.

Enquanto a professora distribuía diferentes edições da revista para levarem para casa, muitos disputaram o número que continha o texto lido. Várias crianças esperaram em pé, ou saíram de seus lugares para escolher o periódico que desejavam ler. Ao receber as revistas, os alunos ficaram com olhos fixos nas imagens, folhearam, leram títulos, mostraram aos colegas, trocaram edições. As páginas da revista abriam às crianças um mundo até então desconhecido. Durante um tempo, cada qual do seu jeito explorou a revista. Passados alguns minutos, a professora deu prosseguimento à aula, registrando no quadro de giz definições de palavras e expressões como: manchete, editor, editorial, artigo, siglas, SBPC, divulgação científica, etc. Durante a cópia, várias crianças mantiveram abertas as revistas no colo ou sobre a mesa. E, entre uma cópia e outra, elas liam o periódico num gesto furtivo. Ao término da aula, a professora realizou a chamada e o sinal indicou a saída alvoroçada das crianças para o recreio.

– **Cena 2**

Na manhã do segundo dia de trabalho com as revistas, a aula de Ciências era a última do horário. Ao entrar na sala, a professora cumprimentou as crianças com afeição e ocupou o mesmo lugar, à frente da turma, para falar aos alunos. Depois de chamar a atenção para o *tempo curto da aula* quis saber das crianças sobre a experiência de leitura da revista no ambiente doméstico. Foram muitas as crianças que queriam partilhar suas leituras. Em meio a essas vozes, um menino disse que havia se interessado pelo artigo *Por que a girafa tem o pescoço comprido?* Todos olharam para ele com expectativa e

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



curiosidade. Contudo, quando foi convidado a explicar o assunto, sacudiu negativamente a cabeça e declarou, sem delongas, que não havia compreendido o texto.

A liberdade que as crianças tinham de dizer sobre o texto expunha inclusive o não entendimento sobre o mesmo. Essa liberdade modificava a relação entre leitor e texto no espaço de sala de aula. De outra forma, se a tradição escolar sustentava que a professora devia ser sempre uma intermediária da leitura, a experiência das crianças com a CHC sustentava que a leitura acontecia sem o comando de uma autoridade. E não entender o texto da revista era também uma experiência de leitura. Ainda que o título do artigo tivesse aguçado a curiosidade do aluno, a explicação universal daquele fenômeno presente no texto estava muito distante de sua compreensão naquele momento. Fato é que o menino confidenciou sua dúvida para toda a turma, sem nenhum constrangimento. A professora pareceu desapontada. Diante da dúvida, ela manteve-se em silêncio e prosseguiu ouvindo outras crianças que aguardavam a sua vez de falar, com o dedo levantado. E, assim, temas diversos tratados pela CHC surgiram nos relatos de leitura. E todos os olhares se voltavam para o leitor. Em meio aos relatos, as crianças ausentes da aula anterior reclamavam sua CHC.

Depois de um tempo, a professora, provavelmente inconformada pela falta de respostas, retornou à questão do pescoço das girafas perguntando às crianças o que pensavam sobre o assunto. Algumas delas levantaram hipóteses sobre a questão e a professora incentivou-as à leitura desse artigo que explicava a pergunta. Depois disso, prosseguiu ouvindo outras experiências de leitura.

Um menino quis falar sobre o código Morse. Felipe foi o autor desse discurso sobre a linguagem dos códigos. Era um menino silencioso. Ele lia clandestinamente na sala de aula. Em algumas ocasiões, enquanto a professora ordenava outras tarefas, o menino-leitor enfiava os olhos famintos debaixo da mesa e via as cores vivas das folhas da revista. A irmã desse menino compareceu à escola para saber a origem das revistas que encantava o irmão. Naquele dia, as crianças falaram sobre chuva de granizo, estrelas, planetas e bactérias. As informações eram tão interessantes que os ouvintes, vez por outra, pediam mais detalhes sobre o assunto. Uma menina levantou o dedo e, com a permissão da professora, falou sobre a *parceria* de humanos e golfinhos na pescaria. Ao falar da maré da

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



praia, fez um gesto com a mão mostrando o movimento de onda.

A experiência de leitura deixou rastros nas suas palavras e se estendeu pelo seu corpo. Ela ficou fascinada pelas algas marinhas e, muito surpresa, alterou a voz ao narrar aos colegas a leitura realizada na CHC, sobre a ausência de dentes nos pássaros, os tipos de bicos e de alimentação das aves. As *palavras da revista* na boca das crianças eram tão cheias de vibração e vivacidade que despertavam a curiosidade de quem não havia lido o artigo. A solenidade com que se revestia aquele momento, a forma pela qual as crianças comunicavam a leitura, a postura do público ouvinte, tudo indicava o gosto delas pelos assuntos da CHC. Às vezes, quando acontecia de algum aluno também ter lido o mesmo artigo do colega, esse *afinava* o seu discurso com o de outros e encaixava outras ideias no relato.

A leitura em casa, segundo as crianças, era feita no quarto, na sala e no quintal, sentados ou deitados, em geral, acompanhadas de irmãos, primos e avós. A leitura realizada no ambiente doméstico era quase sempre compartilhada. A liberdade para relatarem suas experiências permitia a efetiva participação das crianças e tirava o foco da professora. Naquele dia, depois de ouvir as crianças, a professora comentou: “*é diferente né, gente? Diferente porque a gente chegava aqui, aí a gente estudava um pouquinho no livro, fazia um resumo, umas perguntas... E agora é diferente*”.

Após esse momento, outras revistas foram distribuídas às crianças. E, então, houve uma comemoração geral na sala de aula. Os alunos receberam os exemplares de forma efusiva: alguns se levantaram para esperar as revistas e outros se dirigiram à professora para tentar receber antes dos demais. As crianças tiraram a revista do plástico, observaram a capa, as imagens, compartilharam ideias sobre os textos e mostravam os artigos que tinham interesse de ler. Mãos escolhiam o artigo, examinavam imagens e texto. Depois disso, a professora conduziu as crianças a explorarem a CHC chamando a atenção para a observarem a capa, o editorial e a seção de Bate-papo. Essa exploração foi entremeada por comentários das crianças e da professora sobre os artigos presentes naquela edição.

Por fim, as crianças foram orientadas a realizar a leitura individual e silenciosa que foi invadida por comentários de alunos e da própria professora sobre o que encontraram na CHC. Nesse entremeio, algumas crianças esqueceram o corpo cruzando as pernas sobre a

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



cadeira, ou esparramando-se sobre a mesa. Dessa forma, a revista se dava a ler, se mostrava, se insinuava com os corpos visíveis. Em algumas ocasiões, a professora corrigia essa postura, em outras, verificava o texto que deixava as crianças tão relaxadas. O sinal anunciou o fim do horário de aula enquanto a professora incentivava a leitura em casa e anunciava a continuidade do trabalho com a CHC para a aula seguinte.

2. Considerações finais

Em relação à questão geral deste trabalho, que busca através da narrativa, compreender nas cenas de leitura da revista, as práticas de letramento mediadas pela CHC em sala de aula, constatou-se que as interações mediadas pela revista se dão no contexto de determinadas relações de ensino, contexto esse constituído e transformado por essas interações. Assim, o espaço da sala de aula transforma a leitura da CHC, mas é também por ela transformado. Na rotina do trabalho com a revista, o tempo das aulas é cronometrado, há exercícios após a leitura e a tentativa de homogeneizar as práticas de leitura e ensino. Percebeu-se nessas práticas, o interesse manifesto das crianças pelos artigos da revista e a importância das ilustrações que acompanham o texto.

Por outro lado, durante as aulas investigadas, foi possível perceber um processo marcado pela tensão constitutiva das interlocuções na sala de aula e pelo envolvimento significativo dos alunos e professora com os textos do suporte. Diferentes estratégias discursivas e metodológicas foram utilizadas pela professora para o uso da CHC nas aulas de Ciências.

A CHC interferiu nas formas de organizar e administrar a aula assim como sofreu interferências na natureza do gênero produzido. Essa interferência não se deu propriamente na estrutura da aula – ler textos, conversar sobre eles, responder a questionários e corrigi-los - mas nas formas que outros gêneros começaram a fazer parte do ato comunicativo modificando o gênero aula.

Ademais, as cenas de sala de aula revelam um predomínio de gêneros do domínio escolar, pois os gêneros que se manifestam na sala de aula obedecem às restrições normativas da instituição. Em se tratando da esfera escolar, segundo Bunzen e Rojo os

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



gêneros que aí circulam estão ligados aos projetos discursivos realizados no enunciado. Uma das características essenciais desse projeto é a finalidade didática de ensinar, instruir (2005, p. 90). Dessa forma, os gêneros da CHC aparecem em sala de aula didatizados. No desenvolvimento do trabalho com a CHC, dentre os gêneros escolares, percebem-se àqueles que são utilizados para organizar o ambiente de aprendizagem, como o questionário, as anotações de aula, os exercícios e o para casa.

Em todas as cenas de sala de aula a professora coloca em jogo o uso da revista, o uso da linguagem de divulgação científica no ambiente escolar. Ela não institucionaliza conceitos. Ela faz circular a revista e parte do uso da mesma para refletir sobre ela e sua linguagem. Nesse sentido, as perguntas na sala são recorrentes devolvendo às aulas de ciências uma característica inerente a essa área do conhecimento. As situações orais foram fundantes e organizadoras do processo ensino-aprendizagem. Ao falar do artigo, a preocupação das crianças centra-se na explicação do conceito presente no artigo. Ressalta-se, por fim, a importância da revista CHC nas aulas de Ciências dado o nível de envolvimento das crianças e da professora, a aprendizagem de conteúdos de ciências e a qualidade da participação de todos durante a experiência pedagógica com o periódico. Entretanto, essa postura não é construída espontaneamente e está relacionada, entre outras coisas, ao acesso à revista na sala de aula e à forma como as atividades de ensino foram conduzidas pela professora. Isso evidencia a escola como *lôcus* de aprendizagem onde os alunos podem descobrir o prazer, a curiosidade e o mistério, escondidos nos textos de divulgação científica.

3. Referências

- ALMEIDA, M. J. P.M . O texto de divulgação científica como recurso didático na mediação do discurso escolar relativo à ciência. In Pinto. Gisinaldo A. (org.). **Divulgação científica e práticas educativas**. Ed. CRV: Curitiba. 2010
- ALMEIDA, M. J. P.M. e ICON, A. E. Divulgação Científica e texto literário – uma perspectiva cultural em aulas de física, **Caderno Catarinense de Ensino de Física**, v.10, nº 1, 1993, p. 7-13, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- ALMEIDA. S.A. Interações e práticas de letramento mediadas pela revista Ciência Hoje das Crianças em sala de aula. **Tese** – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

- BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Ciências Naturais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CUNHA, M. I. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 23, n. 1-2, jan. 1997 .
- ESPINOZA, A. CASAMAJOR. A. PITTON. E. **Enseñar a leer textos de ciencias Paidós**, Buenos Aires, 2009.
- ESPINOZA, A. M. **Ciências na escola: novas perspectivas para a formação dos alunos**, Ática, São Paulo, 2010.
- GINZBURG, C. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” In _____. **Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- GÓES, M. C. R. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. **Cad. CEDES**. 2000, vol. 20, no. 50
- GOUVÊA, G. A Divulgação Científica para Crianças: o caso da Ciência Hoje das Crianças. **Tese**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.
- ROJO, R. (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola/tradução e organização**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- _____. **O letramento escolar e os textos da divulgação científica – A apropriação dos gêneros de discurso na Escola**. Linguagens em (Dis)curso – v. 8, n. 3, p. 581-612, set/dez. 2008.
-
- WEISSMANN, H. **Didática das ciências naturais: contribuições e reflexões**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:

